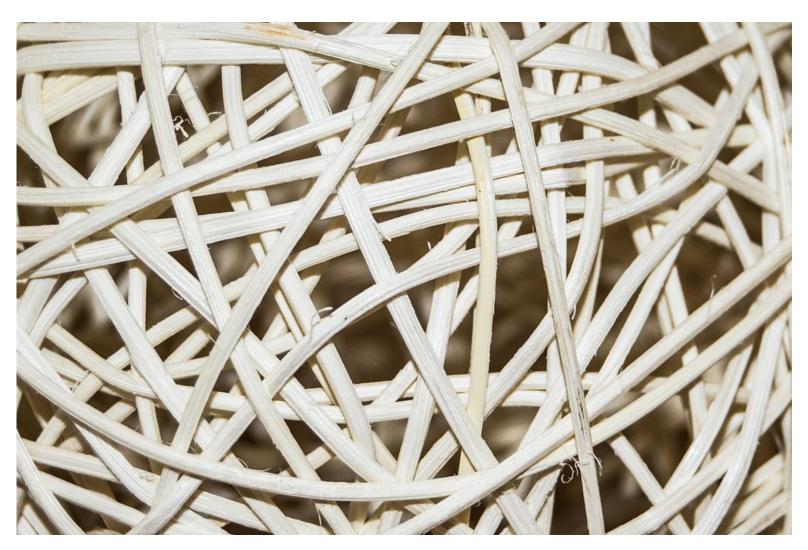
# O CAMINHO DO AFETO AO DISCURSO

#### Roteiros de aulas de filosofia para o Ensino Médio

PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO-ESTÉTICO



ORGANIZADORES: SUZE PIZA, ALEXANDRE CESAR SILVA,
LEANDRO ALVES, LUCAS PRADO, CAROLINE BATAGINI
AUTORES(AS): SUZE PIZA, ALEXANDRE C. SILVA, LEANDRO ALVES, LUCAS PRADO,
CAROLINE BATAGINI, DANIELLE BANDEIRA, BRUNO COSTA,
WESLEY SERAPHIM, RAFAEL VALENÇA E ANA LUÍSA C. FIALHO







Suze Piza
Alexandre Cesar Silva
Caroline Batagini
Lucas Prado
Leandro Alves

(Organizadores)

#### O caminho do afeto ao discurso

Roteiros de aula de Filosofia para o ensino médio



Campinas 2017

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Caminho do afeto ao discurso : roteiros de aula de filosofia para o ensino médio. -- Campinas, SP : Espelho D'Água, 2017.

Vários autores.

Vários organizadores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-67603-02-5

- 1. Filosofia 2. Filosofia (Ensino médio)
- 3. Filosofia Estudo e ensino 4. PIBID-Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- 5. Prática de ensino 6. Sala de aula Direção.

17-03223 CDD-107.12

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Ensino médio 107.12

# SUMÁRIO

1. Sobre a proposta e o que a sustenta 4
<ul> <li>Inspirações metodológicas</li></ul>
2. O segundo sexo? 8 - 18
3. Liberdade com lei ou liberdade sem lei? 19 - 30
4. O mal banal entre-nós 31 - 39
5. Pichação-arte-manifestação 40 - 48
6. Bibliografia de Ensino de Filosofia 49 - 59

# SOBRE A PROPOSTA E O QUE A SUSTENTA

#### POR SUZE PIZA

O material didático "Do afeto ao discurso" pretende ser um material de inspiração para professoras e professores de Filosofia do Ensino Médio e foi produzido a partir das experiências do grupo PIBID-Filosofia da UFABC. De maneira sintética selecionamos quatro temas que podem ser trabalhados nas aulas de Filosofia do Ensino Médio, bem como possibilidades de tratamento desses em sala de aula.

"Do afeto ao discurso" foi produzido livremente a partir de diversas fontes e referências teóricas, mas especialmente das discussões realizadas sobre o que é Filosofia e como ensiná-la.

Nosso grupo acredita que esse pode ser um bom caminho para produção de discursos filosóficos em sala de aula, de conceitos filosóficos e, portanto, de pensamento filosófico. Queremos, mesmo que de maneira introdutória, reforçar a inseparabilidade entre produção de Filosofia e ensino de Filosofia e contribuir para o desenvolvimento de novos caminhos para ensinar Filosofia e ensinar a filosofar no Brasil.

Nosso material é composto por quatro roteiros de aula que envolvem as áreas de Ética, Filosofia política e Estética, mas que preferimos, também para nos provocar a pensar as próprias grandes áreas da Filosofia, denominá-lo de "Pensamento ético-político-estético".

Além do roteiro apresentado para cada aula, você encontrará indicações bibliográficas, de filmes e de lugares... e a partir dos roteiros poderá inferir a metodologia que sustenta essa proposta que vai do "afeto ao discurso filosófico".

# SOBRE A PROPOSTA E O QUE A SUSTENTA: INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS

POR SUZE PIZA

Lendo o Teeteto de Platão [174a-b], nos deparamos com uma passagem que revela uma das grandes tensões entre teoria e mundo da vida que atravessa toda a História da Filosofia. Estava Tales andando pelas ruas olhando para cima para observar os astros e acaba por cair num poço. Ao ver isso uma bela serva trácia faz uma piada: na ânsia de conhecer as coisas do céu, não consegue ver o que está a sua frente nem debaixo dos pés? Esta passagem serve de alerta para todos os que se dedicam à Filosofia, pois o encontro entre Tales e a jovem manifesta todas as cisões e incompreensões entre a produção, trato com as teorias e os conceitos, a realidade, materialidade, experiências concretas e as vivências cotidianas.

Nosso roteiro de aulas parte da premissa que qualquer conhecimento e qualquer pensamento se origina de algum afeto: aquele que conhece ou pensa foi afetado de alguma maneira e, portanto, há um pathos que antecede todo discurso filosófico. Para transformar essa premissa em ação pedagógica começamos a aula sempre com afetos: uma notícia, um fato, uma imagem (ou todos eles associados), algo que o professor/aluno conhecem, ouviram falar ou fazem parte do seu mundo.

Deleuze, defendemos que os afetos que se transformam em pensamento filosófico, ou em Filosofia, são aqueles que geram necessidades de pensar e que tem potencialidade para se converter - por força - em problemas filosóficos. Esses problemas quando explorados teoricamente podem tornar-se pensamento filosófico. Com Deleuze afirmamos que "pensar não é natural" e que, portanto, não encontramos em nossas salas de aula alunos ávidos por Filosofia, nem predispostos racionalmente para ela. Pensar não é natural nem para o aluno, nem para o professor de Filosofia. Nada garante o pensamento. Para pensar precisamos de intercessores e de provocação coercitiva: precisamos pensar, ser forçados a isso ou não pensamos. Todos os nossos roteiros levam isso em consideração e apresentam intercessores para o aluno/professor em todas etapas das aulas - afeto, necessidade de pensar, elaboração de problemas, investigação teórica, discurso filosófico. Nossos roteiros foram elaborados em 2016 no ABC/SP e são apenas modelos, exemplos, sabemos que você, melhor do que ninguém, considerando o sentido

Inspirados livremente na filosofia de G.

# SOBRE A PROPOSTA E O QUE A SUSTENTA: INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS

geográfico do pensamento filosófico e diante de sua turma poderá fazer isso melhor do que nós. A proposta consiste em afetar para que permitamos que as necessidades de pensamento apareçam, vindas do próprio grupo (e de você também) e então sejam convertidas em perguntas filosóficas. Você perceberá que os problemas filosóficos indicados em cada roteiro estão centrados em conceitos, que consideramos que é o que dá especificidade à tarefa do filósofo. Os problemas elaborados serão tratados em duas etapas: uma de abertura e outra de afunilamento. A etapa da abertura possibilita o diálogo com outros saberes, outras disciplinas, outras formas de expressão, e vivências que abrirá o problema e muitas vezes o alargará e o aprofundará. A etapa do afunilamento leva você e seu aluno para a tradição teórica produzida pelos filósofos, à História da Filosofia, esse é o momento de tratamento filosófico propriamente dito do problema e também de ampliação do repertório cultural do aluno no contato com as teorias filosóficas, esse contato será feito por meio dos textos e seu trato, etapa necessária para produção de discursos filosóficos, por fim o aluno será convidado a produzir ele mesmo

um ensaio autoral ou atividade plástica

que parta das teorias estudadas para a elaboração de discursos sobre os problemas pensados.

No final do material indicamos referenciais bibliográficos que podem lhe ajudar a pensar metodologias de ensino que deem suporte a essa que apresentamos e a compreender os fundamentos do que foi proposto ao longo de nossos roteiros. O material oferece uma série de indicações que podem ser usadas em sala de aula ou

como atividade extra aula para fazer com

que a proposta se torne ação educativa

cotidiana e tenha real impacto na

formação dos estudantes.

# SOBRE A PROPOSTA E O QUE A SUSTENTA: ENSINO DE FILOSOFIA E ANTROPOFAGIA

Ao elaborar os roteiros propostos dialogamos e usamos a tradição da História da Filosofia, mas não estamos presos a ela, nem à sua exegese. Em nenhum momento propõe-se ensinar o pensamento do filósofo ou da filósofa e sim usá-los para pensar necessidades humanas oriundas dos afetos cotidianos assim como eles fizeram quando produziram suas teorias. Isso não significa de modo algum que se você, professora ou professor, quiser ensinar uma teoria, obras ou um período da

História da Filosofia não possa usar nossos roteiros, na verdade, eles podem ser bons começos para introduzir também a História da Filosofia se esse for seu intuito.

Nossa proposta não gira em torno da assimilação de teorias, não considera que um aluno do Ensino Médio tenha que aprender o pensamento de Platão, Wittgenstein ou Hannah Arendt, mas em nenhum momento abandonamos as ideias desses filósofos e filósofas. Partimos das teorias do filósofo Leopoldo Zea que defende que podemos usar os pensamentos filosóficos de forma a dar conta dos nossos problemas originados da nossa realidade. Isso é ser original. Todos os roteiros colocam a teoria filosófica a serviço do professor e do aluno, ao contrário do que ocorre geralmente quando a professora, o professor, alunas e alunos

ficam a serviço da História da Filosofia. Os roteiros consideram, além do fato de que não se pensa sem necessidade, a) que nem todo problema teórico é problema filosófico (por isso

formulamos problemas sempre em torno dos conceitos), b) que uma teoria filosófica não dá conta de todo e qualquer problema, c) que todo o processo de condução da aula de Filosofia deve ser atrelado ao que a Filosofia pode dar conta, ou seja, deve-se considerar os limites da Filosofia, bem como das outras áreas, e justamente considerando esses limites nos propomos a identificar o que a Filosofia tem de potencial para nos ajudar a pensar o mundo que vivemos. Usamos o mesmo caminho em todos os roteiros [afeto, necessidade, problema, pensamento/investigação e discurso], mas, você pode percorrer nossos roteiros sem seguir essa ordem, pode começar pelo problema, ou pelo texto filosófico e depois recorrer às outras etapas e esperamos que com suas experiências possa contribuir conosco para que esses roteiros se multipliquem e que possamos juntos re-imaginar o ensino de Filosofia por meio da nossa prática.

Por fim, os roteiros foram pensados para que você os trabalhe de forma panorâmica ou aprofundada, isto é, se quiser pode ministrar uma aula com começo meio e fim com partes do roteiro ou ainda um bloco de três ou quatro aulas para explorá-lo todo, ou ainda um curso inteiro em que cada bloco de aulas você cuidaria/trataria de parte do roteiro ao longo do semestre.

Bom trabalho e divirta-se!



#### AFETE O SEU ALUNO E SE AFETE



#### "Ontem me mataram", a carta em memória das duas viajantes assassinadas no Equador

Dois homens confessaram ter matado as argentinas Marina Menegazzo e María José Coni Texto viral estimula a levantar a voz contra a violência contra as mulheres



A afegã Bibi Aisha casou-se com apenas 14 anos e passou a viver abusos e torturas psicológicas. Aos 18 anos, Aisha fugiu de casa, porém foi pega pela polícia que a devolveu para seu marido e o tribunal a condenou à mutilação como punição. Seu marido então decepou suas orelhas e nariz e abandonou-a quando pensou que Aisha estava morta.







#### PRECISAMOS PENSAR SOBRE ISSO? EM QUE PRECISAMOS PENSAR?





Por que a violência contra a MULHER?

Ser mulher é ser o símbolo do pecado original?











## ELABORANDO PROBLEMAS FILOSÓFICOS

De que maneira
se entrelaça a violência
e o ser mulher?
e o ser maneiras
De que maneiras
ambas se articulam
com a cultura?

É possível construir a identidade da mulher sem o referencial masculino?



Há alguma forma
de construir
identidade
autônoma sem
relação com
outro?

# PENSANDO E INVESTIGANDO... PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO.





O sorrido da Monalisa - "Recria a atmosfera e os costumes do

início da década de 1950. Conta a história de uma professora de arte que enfrenta uma escola feminina, tradicionalista

- Wellesley College. 2003 (Mike Newell)

Persépolis- Uma jovem iraniana acompanha de perto a queda do Xá e de seu regime brutal e revolta contra as imposições fundamentalistas dos rebeldes, especialmente contra as mulheres. 2008 (Marjane Satrapi)





Histórias Cruzadas - Mostra três diferentes mulheres extraordinárias no Mississipi durante os anos 60 que constroem uma improvável amizade devido a um projeto literário secreto que abala as regras da sociedade, colocando-as em perigo. 2011 (Tate Taylor)

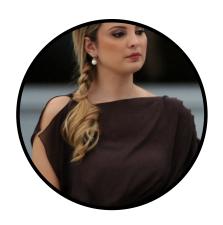
Ai! Que saudade da Amélia Ataulfo Alves
"Você só pensa em luxo e
riqueza
Tudo o que você vê, você
quer
Ai, meu deus, que saudade
da Amélia
Aquilo sim é que era mulher...
... Amélia não tinha a menor
vaidade
Amélia é que era mulher de
verdade"

Loira Burra – Gabriel, O
Pensador

"À procura de carro, a
procura de dinheiro / O lugar
dessas cadelas era mesmo
num puteiro (...) Não eu não
sou machista, exigente talvez
/ Mas eu quero mulheres
inteligentes, não vocês (...) E
pra você me entender, vou
ser até mais direto/ Loira
burra, você não passa de
mulher objeto"



## SÉCULO XXI E FEMINISMO



"Bela, recatada e do lar." Marcela Temer foi recentemente caracterizada desta maneira por uma revista brasileira. Além disso, a matéria referenciava ainda o "vestido na altura dos joelhos" e o desejo pela maternidade como qualidades desejáveis em uma mulher, exaltando Marcela como um bom exemplo.

#### E o que o feminismo tem a ver com isso?

O feminismo é um movimento político, social e filosófico que tem como objetivo engendrar as diferenças de gênero e a suas consequências na construção social, política e econômica.

Ele parte do pressuposto de que as desigualdades de gênero são fruto da construção social da feminilidade pelo homem e tem em vista, portanto, a emancipação social das mulheres da opressão.

Enquanto corrente filosófica associada ao movimento social, o feminismo tem em vista a proposição de uma teoria normativa que promova os direitos das mulheres e seus interesses.

A primeira onda do feminismo teve origem no século XIX e reivindicava a inclusão da mulher na vida pública. A segunda onda teve origem nos anos 70 e colocava em cheque o estereótipo do gênero feminino e reivindicava a valorização do trabalho da mulher. A terceira onda, surgida nos anos 90, colocou em questão o sujeito "mulher" estabelecido nas ondas anteriores como um sujeito pretensamente universal e que não representava, portanto, as especificidades de opressão de mulheres de diferentes raças e classes. Além disso, a terceira onda, propõe também a desconstrução das teorias feministas que pensam a categoria de gênero de modo binário (masculino/feminino).

# TRABALHANDO COM OS TEXTOS, PROBLEMAS E CONCEITOS. LEIA, RELEIA, LEIA DEVAGAR. DESTAQUE OS CONCEITOS, REMETA SE ÀS TEORIAS FILOSÓFICAS, EXPLORE AS DISTINÇÕES E VOLTE AO AFETO INICIAL VEZ OU OUTRA.

#### O QUE É "SER MULHER" ENQUANTO "SER ESTUPRÁVEL"?

Por Márcia Tiburi

Vivendo dentro da lógica do estupro, 65% da população pensam que ninguém deveria simplesmente ser mulher. Ora, o que é "ser mulher"? Não é possível usar qualquer tipo de essencialismo, qualquer definição seria um erro ontológico — a filosofia e a teologia, bem como todas as ciências e a sociedade como um todo, cometeram esse erro essencializando ou naturalizando as mulheres sob o termo "a Mulher". Ora, ser mulher relaciona-se a "parecer mulher" ou autodefinir-se como tal. Na lógica perversa do estupro, "ser mulher" é condição ontológica passível de estuprada. Daí que machistas que incorporam a lógica do estupro se achem no direito de estuprar travestis, que também são mulheres. O estupro é como uma condenação dirigida a todos o que "são mulheres", seja porque se parecem — são heterodenominadas —, seja porque se autodenominam.

Portanto, na lógica do estupro, que rege a sociedade, o veredicto que se lança a qualquer mulher é: "Você esta condenada ao estupro". E por quê? Porque, segundo essa lógica a mulher é ontologicamente condenável por ser/parecer mulher. Sua aparência, sua condição estética, apenas revela sua condição ontológica. Daí o apelo que o estuprador faz a roupa. Porque a roupa faz qualquer um parecer mulher e, ao parecer, ser mulher de alguma forma, ou seja, ser "estuprável".

Como conversar com um fascista, Record, 2016.

Ontológico - discurso a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências e que algo seja o que é.

Ôntico - diz-se do que se relaciona ao ente, o existente múltiplo e concreto, o aparente.





#### Enquadramento na história da filosofia

"Os phainomena os fenômenos são, portanto o conjunto daquilo que está ao claro ou pode ser conduzido à luz, e que os gregos identificavam às vezes simplesmente a ta onta (os entes, o ente). "(HEIDEGGER, M. Ser e tempo, Petrópolis: Vozes, 2004. p.28).

"[...] aquilo que primeiramente e, o mais das vezes, não se manifesta, ainda que pertença ao mesmo tempo e essencialmente àquilo que primeiramente e, o mais das vezes, se manifesta, e de tal maneira que constitua seu sentido e fundamento." (HEIDEGGER, M. Ser e tempo, Petrópolis: Vozes, 2004. p. 35).



## Simone de Beauvoir

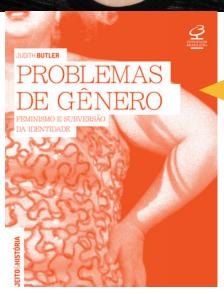
"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreenderse como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; na medida em que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita desejos sexuais e esses desejos são preensivos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, emburramento, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos." — O Segundo Sexo, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição,

pp. 9-10.

Gênero como Performatividade e a possibilidade de subversão das regras disciplinares



"O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado", defende Butler (2010, p. 25), "[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos."



BUTLER, J. "Problemas de gênero - Feminismo e Subversão da Identidade" Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

#### PRODUZINDO FILOSOFIA: DO AFETO AO DISCURSO

Proposta: escolha um dos problemas filosóficos sugeridos e produza um ensaio autoral que dialogue com os estudos que fez até aqui sobre o tema, em especial com os filosóficos.

Use o texto publicado pela Revista Veja como inspiração: desvele, critique, nomeie!



"[...] Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era "educadíssima", lembra o cabeleireiro. "Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora", informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela "tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly". Para isso, falta só "deixar o cabelo preso". Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e "mergulhar num outro mundo" - o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular."

Fonte - http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar



#### AFETE O SEU ALUNO E SE AFETE



No dia 15 de março de 2016, o Brasil teve a perturbadora experiência de presenciar o enaltecimento de um torturador na câmara dos deputados durante a votação pela abertura do processo de impeachment da Presidente Dilma Rousseff:

"Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de [Duque de] Caxias, pelas Forças Armadas. Pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo o meu voto é sim!" (Jair Bolsonaro (PSC-RJ), Deputado Federal).

O discurso do deputado pode ser encontrado na íntegra em: http://www2.camara.leg.br/

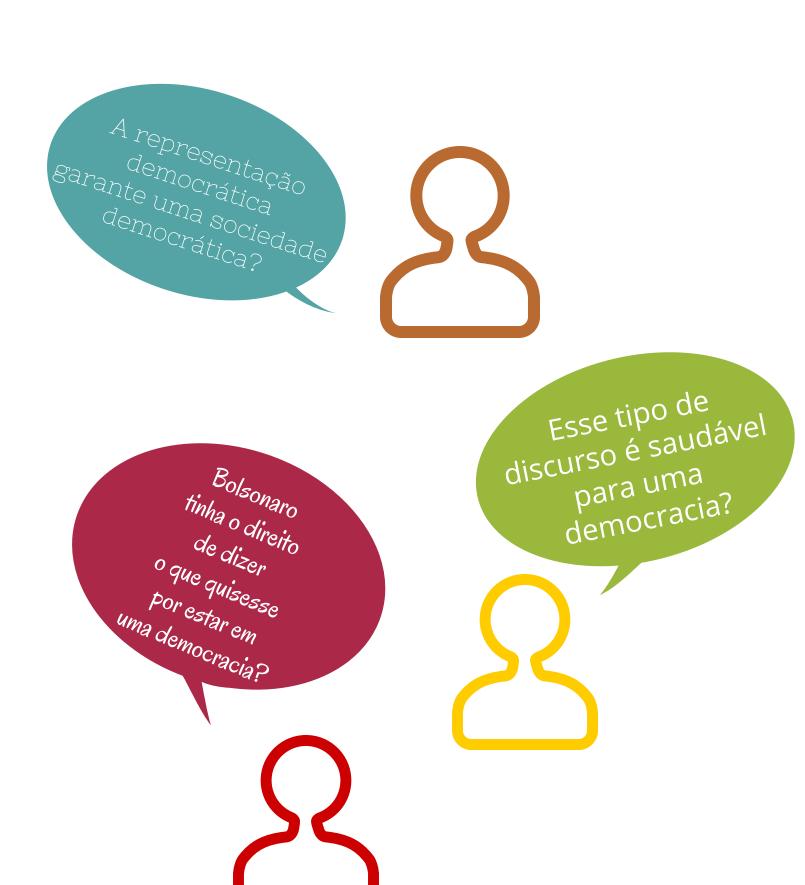
Você sabe quem foi Brilhante Ustra?

Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel do Exército Brasileiro, exchefe do DOI-CODI do II Exército (de 1970 a 1974), um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Também era conhecido pelo codinome Dr. Tibiriçá conhecido por torturar, humilhar e violar inúmeras vítimas. No dia seguinte à homenagem, não era difícil ouvir quem dizia que estamos em uma democracia, logo, Bolsonaro tinha o direito de homenagear quem quisesse.





#### PRECISAMOS PENSAR SOBRE ISSO? EM QUE PRECISAMOS PENSAR?



## ELABORANDO PROBLEMAS FILOSÓFICOS





# PENSANDO E INVESTIGANDO... PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO.

"Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim".

Assim o deputado Jair Messias Bolsonaro votou no último domingo (17) pelo impeachment da presidente Dilma. Para os que não conhecem a história do país suas palavras podem ter passado desapercebidas em meio ao show de horrores daquela várzea que se tornou a Câmara dos Deputados. Mas não.

Carlos Alberto Brilhante Ustra foi o comandante do DOI-Codi –órgão de repressão da ditadura militar– entre 1970 e 1974. Neste período, é responsabilizado pelo assassinato de pelo menos 50 pessoas e pela tortura de outras tantas. Torturou e matou de forma atroz e covarde, sendo lembrado como um dos maiores carrascos da ditadura.

Torturou a militante política Amelinha Teles na presença de seus filhos, então com 4 e 5 anos de idade. "Ele levou meus filhos para uma sala, onde eu me encontrava na cadeira do dragão [instrumento de tortura utilizado na ditadura militar em que a pessoa era colocada sentada e sofria choques com fios elétricos atados em diversas partes do corpo], nua, vomitada, urinada... e ele leva meus filhos para dentro da sala? Para mim, foi a pior tortura que eu passei. Meus filhos tinham 5 e 4 anos".

Torturou a irmã de Amelinha, Criméia de Almeida, grávida: "Apanhei muito e apanhei do comandante. Ele foi o primeiro a me torturar e me espancou até eu perder a consciência, sendo que era uma gestante bem barriguda. Eu estava no sétimo mês de gravidez".

Torturou por mais de doze horas seguidas o ex-deputado Adriano Diogo, após matar seu colega, o estudante Alexandre Vannuchi Leme: "Tirou o capuz e falou: Acabei de mandar o Minhoca (apelido de Alexandre) para a Vanguarda Popular Celestial. Você vai ser o próximo".

Torturou o vereador paulistano Gilberto Natalini: "Tiraram a minha roupa e me obrigaram a subir em duas latas. Conectaram fios ao meu corpo e me jogaram água com sal.

Enquanto me dava choques, Ustra me batia com um cipó e gritava me pedindo informações".

Torturou também a presidente Dilma Rousseff, de forma verdadeiramente pavorosa, com choques, pau de arara e arrancando seus dentes: "Era aquele negócio meio terreno baldio, não tinha nem muro direito. Eu entrei no pátio da Operação Bandeirante e começaram a gritar: 'Mata!', 'Tira a roupa', 'Terrorista','Filha da puta'. Você vai ficar deformada e ninguém vai te querer. Ninguém sabe que você está aqui. Você vai virar um 'presunto' e ninguém vai saber...", disse ele então à presidente.

Advogados do Brasil).

Um deputado federal render, às vistas de toda a nação, homenagem a um torturador – como justificativa do voto contrário a uma pessoa por ele torturada- é uma perversidade inominável. E ademais crime de apologia à tortura, como denunciou a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) Numa cínica inversão de valores, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, fala em cassar o deputado Jean Wyllys, que, legitimamente enojado com os insultos de Bolsonaro, deferiu-lhe uma cusparada. Ora, o que foi a cusparada de Jean -que representou o desejo de milhões de brasileiros - perto dos elogios canalhas a Brilhante Ustra? Se as leis que protegem os direitos humanos valessem algo no Brasil, Bolsonaro teria saído da seção de domingo cassado e algemado. Muitos são os que preferem enxergá-lo como a caricatura do louco, um psicopata. Isso seria aboná-lo. Seria considerar também como loucos os milhares que o exaltam como "Bolsomito" e o 5% do eleitorado que o tem como seu candidato a presidente da República. Ao exaltar torturadores, agredir minorias de forma covarde e conclamar a eliminação dos inimigos, Bolsonaro ganha espaço por despertar um ponto sensível da miséria humana. Aquilo que Kant chamou de mal radical e Freud de destrutividade da pulsão de morte.

Diz Freud, em "O Mal Estar na Civilização": "Sob circunstâncias propícias, quando estão ausentes forças contrárias que a inibem, a agressão se exterioriza espontaneamente, desmascara os seres humanos como bestas selvagens. Em consequência, o próximo representa uma tentação para satisfazer nele a agressão, escravizá-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo, assassiná-lo". Este é o estado de espírito do torturador. E também o sentimento que Jair Bolsonaro desperta em seus "Bolsonetes", criando uma verdadeira comunhão do ódio. Aí florescem as sementes do fascismo.

Pela memória de Alexandre Vannuchi Leme e de todos os mortos da ditadura; pela honra de Amelinha e de todos os torturados da ditadura; por todos eles, é preciso dizer não ao fascista Jair Messias Bolsonaro. Coluna do filósofo Guilherme Boulos - Folha de São Paulo - 21/04/2016.

# PENSANDO E INVESTIGANDO... PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO.





MEMORIAL DA RESISTÊNCIA QUE TAL UMA VISITA?

Largo General Osório, 66 - Santa Ifigênia, São Paulo - SP, 01213-010 http://www.memorialdaresistencias p.org.br/memorial/

Amelinha foi militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Presa em 28 de dezembro de 1972, foi levada à Operação Bandeirantes (Oban), onde foi submetida a sessões de torturas, que segundo seu depoimento foram realizadas, pessoalmente, pelo major do exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, então comandante do DOI-Codi de São Paulo. Seu marido César Augusto Teles e seu companheiro de militância Carlos Nicolau Danielli também foram levados ao órgão de repressão. Amelinha testemunhou o assassinato de Danielli. Seus filhos, Edson e Janaína, com 4 e 5 anos de idade, também foram sequestrados e levados à Oban, onde viram os pais serem torturados. Feminista, participou do Jornal Brasil Mulher na década de 1970.

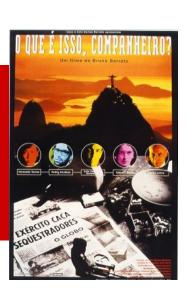
Hoje Amelinha é diretora da União de Mulheres de São Paulo, coordenadora do Projeto Promotoras Legais Populares, integra a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e é assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva". Em 2005, a família Teles moveu uma ação declaratória contra Carlos Alberto Brilhante Ustra, que em 2008 foi o primeiro agente da ditadura a ser declarado torturador.

# PENSANDO E INVESTIGANDO... PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO.



O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias é um filme de drama brasileiro de 2006, dirigido por Cao Hamburger, que também escreveu seu roteiro, com Adriana Falcão, Claudio Galperin, Bráulio Mantovani e Anna Muylaert.

O Que É Isso, Companheiro? é um filme brasileiro de 1997, dirigido por Bruno Barreto, com roteiro parcialmente baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira, escrito em 1979.



#### Para ler e pesquisar...



NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.



## DEFINIÇÕES: DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

- ESTADO DE DIREITO SIGNIFICA QUE NENHUM INDIVÍDUO, PRESIDENTE OU CIDADÃO COMUM, ESTÁ ACIMA DA LEI. OS GOVERNOS DEMOCRÁTICOS EXERCEM A AUTORIDADE POR MEIO DA LEI E ESTÃO ELES PRÓPRIOS SUJEITOS AOS CONSTRANGIMENTOS IMPOSTOS PELA LEI.
- AS LEIS DEVEM EXPRESSAR A VONTADE DO POVO, NÃO OS CAPRICHOS DE REIS, DITADORES, MILITARES, LÍDERES RELIGIOSOS OU PARTIDOS POLÍTICOS AUTO-NOMEADOS.
- OS CIDADÃOS NAS DEMOCRACIAS ESTÃO DISPOSTOS A OBEDECER ÀS LEIS DA SUA SOCIEDADE, ENTÃO, PORQUE ESTAS SÃO AS SUAS PRÓPRIAS REGRAS E REGULAMENTOS. A JUSTIÇA É MELHOR ALCANÇADA QUANDO AS LEIS SÃO CRIADAS PELAS PRÓPRIAS PESSOAS QUE DEVEM OBEDECÊ-LAS.
- NO ESTADO DE DIREITO, UM SISTEMA DE TRIBUNAIS FORTES E INDEPENDENTES DEVE TER O PODER E A AUTORIDADE, OS RECURSOS E O PRESTÍGIO PARA RESPONSABILIZAR MEMBROS DO GOVERNO E ALTOS FUNCIONÁRIOS PERANTE AS LEIS E OS REGULAMENTOS DA NAÇÃO.
- POR ESTA RAZÃO, OS JUÍZES DEVEM TER UMA FORMAÇÃO SÓLIDA, SER PROFISSIONAIS, INDEPENDENTES E IMPARCIAIS. PARA CUMPRIREM O PAPEL NECESSÁRIO NO SISTEMA LEGAL E NO POLÍTICO, OS JUÍZES DEVEM ESTAR EMPENHADOS NOS PRINCÍPIOS DA DEMOCRACIA.

#### REGRAS DA DEMOCRACIA

#### Norberto Bobbio

- 1 Todos os cidadãos que alcançaram a maioridade, sem distinção de raça, religião, condição econômica e sexo, devem desfrutar dos direitos políticos, ou seja, todos têm o direito de expressar sua própria opinião ou de escolher quem a exprima por eles;
  - 2 O voto de todos os cidadãos deve ter o mesmo peso;
- 3 Todas as pessoas que desfrutam de direitos políticos devem ser livres para poder votar de acordo com sua própria opinião, formada com a maior liberdade possível por meio de uma concorrência livre entre grupos políticos organizados competindo entre si;
- 4 Devem ser livres também no sentido de ter condição de escolher entre soluções diferentes, ou seja, entre partidos que têm programas diferentes e alternativos;
- 5 Seja por eleições, seja por decisão coletiva, deve valer a regra da maioria numérica, no sentido de considerar eleito o candidato ou considerar válida a decisão obtida pelo maior número de votos;
- 6 Nenhuma decisão tomada pela maioria deve limitar os direitos da minoria, particularmente o direito de se tornar por sua vez maioria em igualdade de condições.

Essas seis regras são chamadas de "procedimentos universais", ou seja, as normas que estabelecem, de acordo com as fórmulas simples e iluminadoras de Bobbio, o "quem" e o "como" da decisão política – e que se encontram em todos os regimes geralmente chamados democráticos.

Liberalismo e democracia, Brasiliense, 1988.



G. Sartori em sua Teoria da Democracia Revisitada (SARTORI, [1987] 1994, levanta diversos problemas intrínsecos à democracia quais sejam: (i) o problema de como defender os interesses das minorias, i.e., de como evitar que o princípio da maioria, que caracteriza o regime democrático, leve à exclusão das minorias; e (ii) o problema de como viabilizar a democracia em larga escala, ou seja, para grandes Estados.

Liberdade para defender a ditadura?





"A liberdade de expressão inclui o direito de incitar ao crime? Não. Incitar a cometer um crime é crime. Não há liberdade de expressão para pregar "mate policiais". Então, por que seria livre pedir a repressão aos negros, a desigualdade entre homens e mulheres, a cassação de direitos de quem não é criminoso, a tortura, prisão e assassinato de quem não concorda conosco? Defender a ditadura é pregar que se cometam crimes contra muitas pessoas; mais que isso: é defender que se cometa, contra a sociedade inteira, o megacrime que é privá-la do direito de escolher. É pregar crimes de altas proporções. Tanto assim que no Brasil é ilegal o racismo, nos EUA se punem crimes de ódio (como a homofobia) e na Alemanha, a pregação do nazismo." (Retirado de: http://cnsaweb.com.br/wp\_system/wp-content/uploads/2017/02/Liberdade-para-defender-a-ditadura.pdf. Acesso em 04/04/2017)

#### PRODUZINDO FILOSOFIA: DO AFETO AO DISCURSO

Afeto

Necessidade

Discurso

Com e a partir das teorias filosóficas estudadas até então vá além e se posicione usando-as como suporte!

Posso discordar
do que dizes, mas
defendo até a
morte o direito de
dizê-lo!
Isso se sustenta?

Há limites para a liberdade de expressão? É possível a liberdade de expressão? Reaja! Defendemos até a morte o direito do racista, do fascista, do machista, do defensor da tortura, do pedófilo, do estuprador?



#### AFETE O SEU ALUNO E SE AFETE



A imagem ao lado é de um garoto sírio encontrado já sem vida após um náufragio do barco que transportava refugiados Sírios para a Europa para escapar de guerras.

Ao lado, charge do francês Charlie Hebdo. A primeira imagem: "A prova de que a Europa é cristã":

"- Os cristãos andam sobre a água."

"- As crianças muçulmanas afundam."

Já na segunda imagem:
"Cheguei tão perto...", diz o texto.



#### PRECISAMOS PENSAR SOBRE ISSO? EM QUE PRECISAMOS PENSAR?

Violência

Mídia e violência

Situação dos refugiados Desprezo pela vida humana

Liberdade de expressão

Irresponsabilidade da comunidade mundial

## ELABORANDO PROBLEMAS FILOSÓFICOS

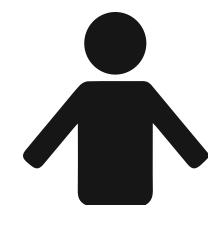
Que tipo de subjetividade torna o sofrimento humano um espetáculo?

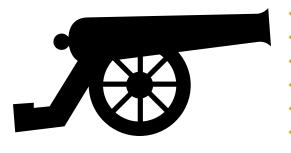




Como se forma e quais as características do mundo que forma essa subjetividade?

Há algo potencial no humano que poderia evitar que a insensibilidade se propagasse?

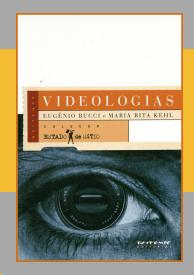




Que tipo de violência é essa que nos acomete?

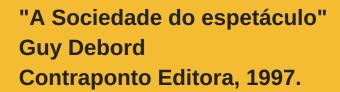
# PENSANDO E INVESTIGANDO... PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO.

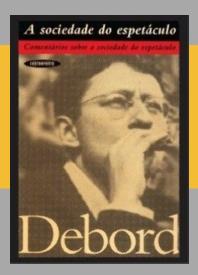
"Videologias: ensaios sobre televisão" Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl Boitempo Editorial, 2004.





"Simulacro e poder: uma análise da mídia", Marilena Chauí Fundação Perseu Abramo, 2006.







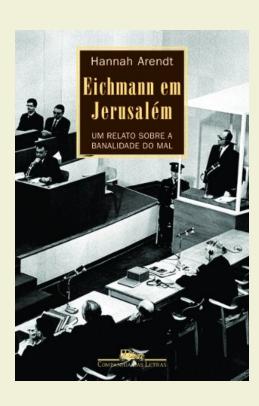
"O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder", José Arbex Júnior Casa Amarela, 2003.



A banalidade do mal como fruto da ausência do pensamento.

Seria possível que a atividade do pensamento como tal — o hábito de examinar o que quer que aconteça ou chame a atenção independente de resultados e conteúdo específico — estivesse dentre as condições que levam os homens a se abster de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os condicione contra ele?

Hannah Arendt



Há alguns anos, em relato sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, mencionei a "banalidade do mal". Não quis, com a expressão, referirme a teoria ou doutrina de qualquer espécie, mas antes a algo bastante factual, o fenômeno dos atos maus, cometidos em proporções gigantescas atos cuja raiz não iremos encontrar em uma especial maldade, patologia ou convicção ideológica do agente; sua personalidade destacava-se unicamente por uma extraordinária superficialidade. (Arendt, A dignidade da política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

Grandes massas de pessoas constantemente se tornam supérfluas se continuamos a pensar em nosso mundo em termos utilitários. [...] Os acontecimentos políticos, sociais e econômicos de toda parte conspiram silenciosamente com os instrumentos totalitários para tornar os homens supérfluos. Arendt, H. As origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CLICHÊS, FRASES FEITAS, ADESÃO A CÓDIGOS DE EXPRESSÃO E CONDUTA CONVENCIONAIS E PADRONIZADOS TÊM FUNÇÃO SOCIALMENTE RECONHECIDA DE NOS PROTEGER DA REALIDADE, OU SEJA, DA EXIGÊNCIA DO PENSAMENTO FEITA POR TODOS OS FATOS E ACONTECIMENTOS EM VIRTUDE DE SUA MERA EXISTÊNCIA. SE RESPONDÊSSEMOS TODO TEMPO A ESTA EXIGÊNCIA, LOGO ESTARÍAMOS EXAUSTOS; EICHMANN SE DISTINGUIA DO COMUM DOS HOMENS UNICAMENTE PORQUE ELE, COMO FICAVA EVIDENTE, NUNCA HAVIA TOMADO CONHECIMENTO DE TAL EXIGÊNCIA. ARENDT, H. A VIDA DO ESPÍRITO: O PENSAR, O QUERER, O JULGAR. RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARÁ, 1995.

# PRODUÇÃO DE DISCURSO FILOSÓFICO:

Identifique esse mal político entre nós.

Violência e banalidade do mal
Em Arendt, o problema do mal é abordado por uma perspectiva política e não moral ou religiosa



<sup>\*</sup> Utilizamos o termo "pichação" aqui de acordo com a norma culta da língua portuguesa - em outros momentos a palavra aparecerá escrita "pixação" - tal qual os artistas de rua a usam.

## AFETE O SEU ALUNO E SE AFETE

#### Dois pichadores são mortos pela Polícia Militar dentro de prédio

De acordo com a corporação, eles receberam os policias a tiros. Amigos e familiares acusam a PM de execução

Por Redação VEJASAOPAULO.COM
© 2 ago 2014. 15h24 - Atualizado em 5 dez 2016. 14h13

Os dois homens que morreram na noite de quinta-feira (31) dentro de um condomínio na Mooca, Zona Leste de São Paulo, foram enterrados na manhã deste sábado (2) em Santo André. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, Alex Dalla Vechia Costa, de 32 anos, e Aílton dos Santos, de 33, foram atingidos depois de trocarem tiros com policiais militares. Familiares e amigos, no entanto, contestam a versão oficial, afirmam que os dois eram pichadores e que foram executados pela



### •••

#### Doria passa tinta cinza e apaga grafites da avenida 23 de Maio



Por ordem do prefeito João Doria (PSDB), diversos grafites da avenida 23 de Maio, em São Paulo, estão sendo apagados e substituídos por tinta cinza.

Apenas oito painéis serão mantidos na via, que era pintada em sua extensão, conforme anunciou o tucano no último dia 14. Ele defende a criação de uma área na cidade para grafiteiros e muralistas.

### Grafite do artista Kobra na Av. 23 de Maio é pichado com imagem de Doria

Painel era um dos poucos que tinham sido preservados pela Prefeitura nos muros da avenida. Protesto tem imagem de Doria com rolo de tinta pintando o muro de cinza.

# PRECISAMOS PENSAR SOBRE ISSO? EM QUE PRECISAMOS PENSAR?



### HELLO MY NAME IS

0 que é pixo? o que é graffiti?

Por que as pessoas pixam?

# PENSANDO E INVESTIGANDO: PENSANDO NO PROBLEMA, AMPLIANDO E APROFUNDANDO!

O graffite é uma expressão artística que nasceu na Europa, pelos negros e latinos das periferias, que se utilizam de spray para marcarem as paredes e trens com suas assinaturas. O graffite é tanto a assinatura, conhecida como tag, quanto as letras em terceira dimensal, as letras em peça e desenhos. O que caracteriza o graffite em sua gênese é o vandalismo. Em São Paulo, uma das formas de graffite é o pixo. Conhecido internacionalmente como tag-reto.



DOCUMENTÁRIO
Pixadores (Brazil)
2014 · 1h 33m
Direção: Amir
Escandari



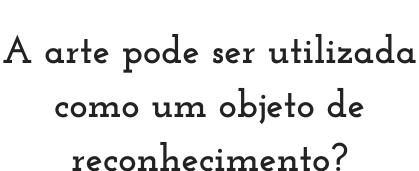
DOCUMENTÁRIO
PIXO
Brazil, 2010 61
minutos
Wainer and
Roberto T. Oliveira

## ELABORANDO PROBLEMAS FILOSÓFICOS

O que é arte? A arte permanece igual historicamente?



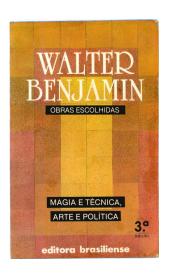
Qual é a relação entre arte e culto? Há relação entre arte e política?



Há alguma mudança histórica na finalidade da arte?

Quais são as formas de arte existente?





Magia e Técnica, Arte e Política, Walter Benjamin -2012



Jacques Rancière

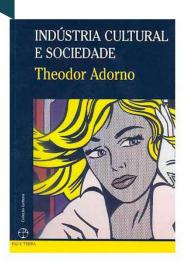
A partilha do sensível

Estética e política





A partilha do Sensível: esté. Jacques Rancière -2005



A Industria Cultural, Theodor Adorno -1999

#### Valor de culto e valor de exposição

Seria possível reconstituir a história da arte a partir do confronto de dois pólos, no interior da própria obra de arte, e ver o conteúdo dessa história na variação do peso conferido seja a um pólo, seja a outro. Os dois pólos são o valor de culto da obra e seu valor de exposição. A produção artística começa com imagens a serviço da magia. O que importa, nessas imagens, e que elas existem, e não que sejam vistas. O alce, copiado pelo homem paleolítico nas paredes de sua caverna, e um instrumento de magia, só ocasionalmente exposto aos olhos dos outros homens: no máximo, ele deve ser visto pelos espíritos. O valor de culto, como tal, quase obriga a manter secretas as obras de arte: certas estátuas divinas somente são acessíveis ao sumo sacerdote, na cella, certas madonas permanecem cobertas quase o ano inteiro, certas esculturas em catedrais da Idade Média são invisíveis, do solo, para o observador. À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas. A exponibilidade de um busto, que pode ser deslocado de uni lugar para outro, é maior que a de uma estátua divina, que tem sua sede fixa no interior de um templo. A exponibilidade de um quadro é maior que a de um mosaico ou de um afresco, que o precederam. E se a exponibilidade de uma missa, por sua própria natureza, não era talvez menor que a de uma sinfonia, esta surgiu num momento em que sua exponibilidade prometia ser maior que a da missa. A exponibilidade de uma obra de arte cresceu em tal escala, com os vários métodos de sua reprodutibilidade técnica, que a mudança de ênfase de um pólo para outro corresponde a uma mudança qualitativa comparável à que ocorreu na préhistória. Com efeito, assim como na pré-história a preponderância absoluta do valor de culto conferido à obra levou-a a ser concebida em primeiro lugar como instrumento mágico, e só mais tarde como obra de arte, do mesmo modo a preponderância absoluta conferida hoje a seu valor de exposição atribui-lhe funções inteiramente novas, entre as quais a "artística", a única de que temos consciência, talvez se revele mais tarde como secundária. Uma coisa é certa: o cinema nos fornece a base mais útil para examinar essa questão. É certo, também, que o alcance histórico dessa refuncionalização da arte, especialmente visível no cinema, permite um confronto com a pré-história da arte, não só do ponto de vista metodológico como material. Essa arte registrava certas imagens, a serviço da magia, com funções práticas, seja como execução de atividades mágicas, seja a titulo de ensinamento dessas práticas mágicas, seja como objeto de contemplação, à qual se atribuíam efeitos mágicos. Os temas dessa arte eram o homem e seu meio, copiados segundo exigências de uma sociedade cuja técnica se fundia inteiramente com o ritual. Essa sociedade é a antítese da nossa, cuja técnica é a mais emancipada que jamais existiu. Más essa técnica emancipada se confronta com a sociedade moderna sob a forma de uma segunda natureza, não menos elementar que a sociedade primitiva, como provam as guerras e as crises econômicas. Diante dessa segunda natureza, que o homem inventou, mas há muito não controla, somos obrigados a render, como outrora diante da primeira. Mais uma vez, a arte põe-se a serviço desse aprendizado. Isso se aplica, em primeira instância, ao cinema. O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas - é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

#### Ritual e política

A unicidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. Sem dúvida, essa tradição é algo de vivo, de extraordinariamente variável. Uma antiga estátua de Vênus, por exemplo, estava inscrito numa certa tradição entre os gregos, que faziam dela um objeto de culto, e em outra tradição na Idade Média, quando os doutores da Igreja viam nela um ídolo malfazejo. O que era comum as duas tradições, contudo, era a unicidade da obra ou, em outras palavras, sua aura. A forma mais primitiva de sua inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprimia no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso. O que é de importância decisiva é que esse modo de ser aurático da obra de arte nunca se destaca completamente de sua função ritual. Em outras palavras: o valor único da obra de arte "autentica" tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja: ele pode ser reconhecido, como ritual secularizado, mesmo nas formas mais profanas do culto do Belo. Essas formas, profanas do culto do Belo, surgidas na Renascença e vigente durante três séculos, deixaram manifesto esse fundamento quando sofreram seu primeiro abalo grave. Com efeito, quando o advento da primeira técnica de reprodução verdadeiramente revolucionária - a fotografia, contemporânea do início do socialismo - levou a arte a pressentir a proximidade de uma crise, que só fez aprofundar-se nos cem anos seguintes, ela reagiu ao perigo iminente com a doutrina da arte pela arte, que é no fundo uma teologia da arte. Dela resulto a teologia negativa da arte, sob a forma de uma arte pura, que não rejeita apenas toda função social, mas também qualquer determinação objetiva. (Na literatura, foi Mallarmé o primeiro a alcançar esse estágio.) É indispensável levar em conta essas relações em um estudo que se propõe estudar a arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porque elas preparam o caminho para a descoberta decisiva: com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual: Á obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida. A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte' se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

## PRODUÇÃO DE DISCURSO FILOSÓFICO

Destacando o fenômeno da reprodutibilidade técnica abordado por Walter Benjamin e a escola paulista de pixação: Como podemos pensar a relação entre técnica, política e arte?

#### BIBLIOGRAFIA PARA PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA

#### ADORNO. Educação e Emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Para Adorno, a educação deve, simultaneamente, evitar a barbárie e buscar a emancipação humana. Ele questiona a educação autoritária e pensa uma educação emancipatória, mas, ao não apresentar um projeto de transformação social global, deixa de lado uma compreensão da totalidade da sociedade repressiva e realiza um isolamento do processo educacional, atribuindo a ele um papel transformador que dificilmente pode realizar isoladamente.

## ARANTES, P. et all (Org.). A Filosofia e seu ensino. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: EDUC, 1995. – (Série eventos)

Filosofia e seu ensino é o título de um livro que reúne os trabalhos de cinco renomados pensadores de filosofia no Brasil. São eles: Paulo Eduardo Arantes, Franklin Leopoldo e Silva, Celso Fernando Favaretto, Ricardo Nascimento Fabbrini e Salma Tannus Muchail. As palestras foram proferidas durante a "Semana de Filosofia", promovida pelo Departamento de Filosofia da PUC-SP, realizada entre 24 e 27 de setembro de 1991, cujo tema central foi o mesmo que enfeixa o livro.

## ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Entre o passado e o futuro é, entre os livros de Hannah Arendt, aquele que pulsa simultaneamente o conjunto de inquietações a partir do qual esta admirável representante da cultura de Weimar ilumina o discurso político do século XX. Ele contém praticamente todo o temário de sua obra, constituindo- se, portanto, num ponto de partida por excelência de toda a tentativa de interpretação e organização do seu pensamento.

49

#### ASPIS, R. L.; GALLO, S. Ensinar filosofia: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

Em sua obra Ensinar Filosofia: um livro para professores, publicado pela editora Atta Mídia e Educação, em 2009, os professores Renata Lima Aspis e Sílvio Gallo discutem o ensino de filosofia como experiência filosófica, na qual propõem que o ensino de filosofia pode ser usado como meio de provocação para o jovem criar suas próprias versões de mundo.

#### CARVALHO, J. S. F. O declínio do sentido público da educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 89, p. 411-424, 2008.

Trinta anos depois, a "modernização pedagógica" então anunciada parece dominar os discursos educacionais em escala global. O Brasil, a exemplo de dezenas de países, incorporou seu jargão nos documentos normativos, notadamente nas Diretrizes e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e seus procedimentos e conceitos nas políticas de avaliação do rendimento escolar. O autor examina a gênese histórico-conceitual das noções de 'público' e 'privado' para, a seguir, mostrar sua diluição na sociedade de consumo contemporânea e avaliar seu impacto no campo da educação.

## BENETTI, Claudia. Filosofia e Ensino, Singularidade e Diferença: entre Lacan e Deleuze, Ijuí, UNIJUÍ, 2008.

A produção acadêmica recente tem levantado problemas históricos e legais do ensino da filosofia no Brasil. Uma questão, porém, estava esquecida: como os estudantes da educação básica recebem as aulas de filosofia? Este belo livro de Cláudia Cisiane Benetti vem preencher essa lacuna. A autora pesquisou, em três escolas de Porto Alegre, a recepção dos estudantes em relação à disciplina Filosofia. Neste livro, aspectos deste contato aparecem materializados nos "blocos de cartas" que a autora analisa: exercícios de escrita dos estudantes nos quais procuram argumentar para um amigo sobre as dificuldades e "delícias" de se estudar filosofia.

## CEPPAS, F.; OIVEIRA, P. R.; SARDI, S. A. (Org.) Ensino de Filosofia, formação e emancipação. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

Este livro é uma amostra da riqueza e da pluralidade de perspectivas com que o filosofar acontece, quando confrontado com as questões de seu ensino e sua aprendizagem. Ensino de filosofia, formação e emancipação não trata somente do desenvolvimento de pesquisas específicas acerca de questões escolares em torno do ensino e da aprendizagem da filosofia, ou das relações mais amplas entre o filosofar, sua aprendizagem e a educação de modo geral.

CERLETTI, A. O ensino de filosofia como problema filosófico. Tradução de Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. CORNELLI, G.; DANELON, M. Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

A questão do ensino de filosofia foi, de maneira geral, reduzida ao desenvolvimento de estratégias didáticas que tentam facilitar a atividade docente. Neste livro, nos propomos a começar por um momento prévio e refletir sobre o que se entende por 'ensinar filosofia' e como se poderia transmitir aquilo cuja caracterização é já um problema. Mostra-se que para levar adiante a tarefa de ensinar filosofia deve-se adotar uma série de decisões filosóficas e, em seguida, elaborar os recursos mais convenientes para tornar essa tarefa possível e significativa.

#### CUNHA, J. A. Filosofia: iniciação à investigação filosófica. São Paulo: Atual, 1992.

Este livro propõe uma renovação no ensino da Filosofia, pois rompe com a tradição que considera o exercício filosófico só acessível a cabeças iluminadas, capazes de operar com linguagens herméticas. Rara o autor, filosofar é atividade vital, indissociável da vida cotidiana. A Filosofia não é confundida, aqui, com uma história das idéias, limitadas ao ordenamento cronológico de referências biográficas de "pensadores ilustres". Ao contrário, procura-se desenvolver um roteiro de iniciação ao ato de filosofar.

#### DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

A partir da questão O que é a filosofia? Deleuze e Guattari esclarecem as condições, as incógnitas e os requisitos subjacentes à sua elaboração. A seguir, estabelecem as diferenças entre a atividade filosófica e a atividade científica ou artística. A filosofia faz surgir os acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue os monumentos com as sensações e a ciência constrói os estados de coisas com suas funções.

#### FÁVERO, A. A.; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (Org.) Um olhar sobre o ensino de filosofia. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

É preciso refletir sobre a formação do professor de Filosofia. É necessário olhar a própria prática dos cursos, o perfil dos alunos que os estão frequentando, a inserção desses estudantes nas escolas, o tipo de Filosofia que nelas está sendo trabalhada, a receptividade que a Filosofia está tendo, os livros didáticos de Filosofia e o seu uso.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 36.ed. Petrópolis: Vozes, 2006 É um exame dos mecanismos sociais e teóricos que motivaram as grandes mudanças que se produziram nos sistemas penais ocidentais durante a era moderna. É dedicado à análise da vigilância e da punição, que se encontram em várias entidades estatais (hospitais, prisões e escolas). Embora baseado em documentos históricos franceses, as questões sobre as quais se debruça são relevantes para as sociedades contemporâneas. É uma obra seminal que teve grande influência em intelectuais, políticos,

#### GALLO; S.; DANELON, M.; CORNELLI, G. (Org.). Ensino de Filosofia: teoria e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

activistas sociais e artistas.

Os textos deste livro originam-se do I Simpósio sobre Ensino de Filosofia da Região Sudeste, realizado na Universidade Metodista de Piracicaba em 2002. O volume está organizado em quatro partes- questões históricas e de legislação brasileira, que situam o debate atual sobre o ensino de Filosofia; questões de didática teórica, ou seja, o pensar conceitual interno sobre a relação da Filosofia com seu ensino; questões de didática prática, ou seja, uma discussão sobre metodologias e sistemáticas concretas para se ensinar Filosofia. 52

GALLO, S. "A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade". In: SILVEIRA, R. J. T.; GOTO, R. A. (Org.) Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 15-36.

O presente artigo problematiza a questão contemporânea do ensino da filosofia no Brasil, tomando como pressuposto que ele deva ser ativo,

filosofia no Brasil, tomando como pressuposto que ele deva ser ativo, compreendido como "poder de começo", na expressão de Douailler. Parte a afirmação do filosofar como ato e processo, de sua relação intrínseca com a história da filosofia e da necessidade da criatividade para afirmar que todo professor de filosofia deve ter clara sua concepção de filosofia, para que possa dedicar-se ao ensino

## GHEDIN, E. Ensino de Filosofia no Ensino Médio. São Paulo: Cortez, 2008.

A Filosofia no Ensino Médio necessita conquistar seu espaço, no campo político-institucional como no plano de sua efetivação no currículo. Este livro contribuirá na elaboração de uma proposta de metodologia para o ensino.

## GOTO, R. A. (org.). Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Primeira obra de uma coleção dedicada à transmissão da filosofia para estudantes no ensino médio, os autores aqui argumentam a respeito da importância da inclusão desta disciplina no currículo escolar, expondo para os professores as maneiras de torná-la acessível.

GRANGER, G.-G. Por um conhecimento filosófico. Tradução de Constança M. Cesar e Lucy M. Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1989.

Nesse livro o autor aborda o estatuto da filosofia perante as ciências, discutindo a especificidade do conhecimento filosófico, seu valor e importância em nossos dias. O aprofundamento das questões clássicas da distinção entre filosofia e ciência e a clareza e rigor que caracterizam os estudos de Granger tornam o livro leitura obrigatória.

# HORN, G. B. Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. – (Coleção Filosofia e Ensino)

Para onde conduzir o ensino de Filosofia? O que significa ensinar Filosofia com excelência pedagógica e acadêmica? Qual é a prática social de referência da Filosofia e de seu ensino? Qual é a especificidade e distinção da Filosofia em relação à ciência e à arte sob o ponto de vista da transposição didática? Essas e outras questões são objeto de reflexão deste livro. Procura-se, principalmente, mostrar de que forma, por meio do ensino da Filosofia, pode-se contribuir para a ressignificação da experiência do aluno.

## LEBRUN, G. "Por que filósofo?". In: Estudos CEBRAP, São Paulo, V.15, 1976, p.148- 153

A Filosofia seria isso mesmo: uma especulação infinita e desregrada em torno de qualquer assunto ou questão, ao sabor de cada autor, de suas preferências e mesmo de seus humores. Há mesmo quem afirme não caber à Filosofia "resolver", e sim unicamente sugerir questões e propor problemas, fazer perguntas cujas respostas não têm maior interesse, e com o fim unicamente de estimular a reflexão, aguçar a curiosidade.

#### LIPMAN, M. et all. A filosofia na sala de aula. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

A avançada proposta educacional de Matthew Lipman compromissada com o desenvolvimento de novas capacidades de
aprendizado nas crianças - é aqui
apresentada em detalhe, tanto em seus diversos aspectos teóricos
quanto na aplicação prática pelo professor.

## LORIERI, M. A. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção docência em formação).

Este livro é para professores formados e em formação, apresenta uma visão do que é educação e educação escolar e discute a possibilidade de um trabalho de iniciação filosófica com crianças e jovens. Indica conteúdos para o ensino

#### LORIERI, M. A.; RIOS, T. A. Filosofia na escola: o prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2008.

Pensar seriamente não significa pensar 'de cara fechada'. E pensar à moda da filosofia é trazer para a escola, ao lado do rigor e da seriedade, a alegria. Este livro traz um convite ao exercício da reflexão filosófica, um olhar diferente e prazeroso.

## MURCHO, D. A natureza da filosofia e o seu ensino. Lisboa: Plátano, 2002.

Este texto procura mostrar que a natureza da filosofia levanta dificuldades ao modo como esta disciplina é geralmente lecionada no Brasil.

Argumenta-se que algumas das estratégias de ensino da disciplina resultam de uma incapacidade para assumir a natureza aberta e especulativa da filosofia, e explica-se como se pode ensinar filosofia de um modo que faça jus à sua natureza aberta.

## NETO, H.N. (Org.) O ensino da filosofia no 20 grau. São Paulo: SEAF/Sofia, 1987. SILVEIRA, R. J. T.;

Primeira obra de uma coleção dedicada à transmissão da filosofia para estudantes no ensino médio, os autores aqui argumentam a respeito da importância da inclusão desta disciplina no currículo escolar, expondo para os professores as maneiras de torná-la atraente.

# NUNES, B. Proposta para o ensino da filosofia no segundo grau. In: NETO, H. N. (Org.) O ensino da filosofia no 20 grau. São Paulo: SEAF/Sofia, 1987, p. 119-126.

Este texto tem como objetivo inicial apresentar respostas às questões acerca da identidade e da finalidade da Filosofia. São discutidas, igualmente, as vantagens e desvantagens das duas maneiras de se utilizar a história da Filosofia na sala de aula, a saber, como referência às temáticas trabalhadas ou como orientadora da própria aula.

## ROCHA, R. P. Ensino de Filosofia e Currículo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

São poucas as publicações dedicadas à teoria curricular no Brasil. Ainda mais raros são os estudos específicos como este. Assim, não é de estranhar que "Ensino de Filosofia" e Currículo, lançado em 2008, tenha esgotado sua primeira edição, um feito raro para um livro com esse título. Isso sugere que esse livro criou aos poucos seu próprio espaço na bibliografia brasileira sobre o tema, graças aos pontos de vista originais que apresenta sobre temas caros ao educador e ao professor de Filosofia. ROUSSEAU, J-J. Emílio ou da educação. 4. ed. São Paulo: Martins

## ROUSSEAU, J-J. Emílio ou da educação. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Os sarcasmos que Rousseau lançava contra os reis, os grandes e os ricos, porque sabia antecipadamente que eles eram hostis à liberdade dos homens e, portanto, à das crianças, tiveram sua justa paga.Um clássico do ensino .

#### SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

Para passar do senso comum à consciência filosófica é necessário cultivar, de algum modo, a erudição. Mas a palavra erudição remete a um duplo e ambíguo significado. Por um lado, expressa um saber amplo e detalhado, sendo o erudito alguém que domina os pormenores da ciência ou arte que cultiva. Por outro lado, reporta-se a um sentido depreciativo, significando uma multiplicidade de conhecimentos que não se articulam orgânica e criticamente.

#### SEVERINO, A. J. Filosofia. São Paulo: Cortez, 1992.

Este livro propõe-se a apresentar aos jovens estudantes algumas orientações para que se iniciem na leitura sistemática dos textos filosóficos. É preciso incorporar algumas orientações, pois a leitura sistemática de textos científicos e filosóficos não é um procedimento espontâneo - exige uma intervenção mais sistemática para a decodificação do texto do que quando se trata de textos literários nos quais a apreensão da mensagem se apóia mais em nossa familiaridade com a linguagem coloquial e em nossa imaginação.

# SILVA, F. L. "História da Filosofia: centro ou referencial?". In: NETO, Henrique Nielsen (Org.) O ensino da filosofia no 20 grau. São Paulo: SEAF/Sofia, 1987, p. 153-162.

É evidente que, em muitas áreas do saber, o progresso rápido não permite que a cristalização conceitual acompanhe o ritmo das descobertas e das pesquisas efetivamente realizadas, criando assim uma diferença, às vezes bastante significativa, entre a ciência que se faz e a ciência que se ensina. Ainda assim, o recurso ao saber sedimentado é condição para o aprimoramento da ciência. 2. Na filosofia, este corpo conceitual mais ou menos unitário não existe, pelo menos na sua direção, que permite a avaliação do estado da ciência no momento em que se vai entrar nela pela via do aprendizado regular. A filosofia como saber é tão imanente à sua própria história que não podemos sequer chegar a determinar, com alguma esperança de rigor, uma direção formadora de um corpo teórico, que representasse a filosofia num determinado momento de seu desenvolvimento. Isto significa que o ensino da filosofia recorre à história da filosofia de maneira bem diferente do que se faz no ensino de ciências.

### VOZES NEGRAS E FEMININAS

Butler. J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2003.

Apresenta um percurso crítico onde a indagação sistemática sobre a construção dos gêneros e das identidades, está centrada em duas instâncias assumidas como cruciais: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. Critica a presença de certas escolhas políticas na tradição do estruturalismo que delineia a concepção vigente de identidade e inicia uma consideração crítica sobre a construção do corpo materno em Julia Kristeva.

## Collins. H.P. Black Feminist Thought. (ainda não traduzido para o português)

Collins destaca o potencial das experiências e do pensamento das mulheres negras para a crítica a uma matriz de dominação fundada simultaneamente na raça e no gênero. A abordagem teórica que dela emerge enfoca as conexões entre experiência e consciência, fiel a uma das principais contribuições das

abordagens feministas e do feminismo negro especificamente, que é a atenção à experiência vivida das mulheres. Uma epistemologia feminista e antirracista depende, assim, da compreensão dos contextos de produção do conhecimento.

Davis. A. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Editora Boitempo. 2016.

Mulheres, raça e classe, de Angela Davis, é uma obra fundamental para se entender as nuances das opressões. Começar o livro tratando da escravidão e de seus efeitos, da forma pela qual a mulher negra foi desumanizada, nos dá a dimensão da impossibilidade de se pensar um projeto de nação que desconsidere a centralidade da questão racial, já que as sociedades escravocratas foram fundadas no racismo

## Fanon.F. Peles negras máscaras brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA. 2008.

Examina a negação do racismo contra o negro na França, tendo sua primeira edição, em português, em 1963. É um clássico do pensamento sobre a diáspora africana, sobre a descolonização, a arquitetura psicológica, a teoria das ciências, a filosofia e a literatura caribenha. Analisa o axioma que causou grande turbulência nas décadas de 60 e 70: como a ideologia que ignora a cor pode apoiar o racismo que nega.

## Fanon.F. Os condenados da terra. Lisboa: Editora Letra Livre.2015.

A violência que presidiu a instauração do mundo colonial e provocou incansavelmente a destruição das formas sociais autóctones demoliu sem restrição os sistemas de referência da economia, as formas de aparência, de indumentária, serão reivindicadas e assumida pelo colonizado, no momento em que, decidindo ser a história em atos, a massa colonizada investir as cidades proibidas. Explodir o mundo colonial é então uma imagem de ação muito clara, muito compreensível, que pode ser retomada pelos indivíduos que constituem o povo colonizado

## Nogueira.R. O Ensino de Filosofia e a Lei 10. 639. Rio de Janeiro: Editora Pallas.2014.

A filosofia é privativa da cultura ocidental ou é uma criação do pensamento humano em gera? As culturas africanas e afrodiaspóricas são relevantes para o entendimento da filosofia? Existe filosofia africana e / ou filosofia afro- brasileira? Em caso afirmativo, como elas podem contribuir para o entendimento das relações étnico-raciais? Como os professora pode incluir a filosofia africana e a afrodiaspórica no currículo de Filosofia do ensino médio?Como formar uma professora de Filosofia capaz de fazer essa conexão? Estas são algumas das questões que o professor Renato Noguera discute nesta obra, que contém roteiros de reflexão, referências a autores fundamentais e propostas curriculares práticas. <sup>59</sup>



Agência Brasileira do ISBN ISBN 978-85-67603-02-5

